

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

**BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE ESTUDO SOBRE SUA
OCORRÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS**

THAÍS KARINE AMARAL MANGRICH

Florianópolis
Junho/2012

THAÍS KARINE AMARAL MANGRICH - thaismangrich@yahoo.com.br

**BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE ESTUDO SOBRE SUA
OCORRÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS**

Monografia apresentada a Universidade Federal de
Santa Catarina como pré-requisito para obtenção do
grau de Licenciado em Matemática – **TCC II -
MTM 5602**

Orientadora: Prof^ª. Dra. Nícia L. D. da Silveira

TERMO DE APROVAÇÃO

THAÍS KARINE AMARAL MANGRICH

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE ESTUDO SOBRE SUA OCORRÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS.

Esta monografia foi julgada adequada como TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO no Curso de Matemática - Habilitação Licenciatura, e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pela Portaria nº 16/CCM/12 de 18 de maio de 2012.

Banca examinadora:

Nereu Estanislau Burin

Professor da disciplina

Nícia Luiza Duarte da Silveira

Orientadora

Marivete Gesser

Silvia Martini de Holanda Janesch

RESUMO

A partir da revisão da literatura tomou-se o conceito de bullying como sendo “um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos que ocorrem entre colegas, repetidas vezes, sem motivos de um indivíduo ou um grupo contra o outro”. O presente trabalho investigou se o bullying, como acima definido, ocorre em uma escola pública de Florianópolis, bem como as formas em que ocorre. A pesquisa foi realizada através **entrevista** ao **diretor e três professores**, sendo dois deles de anos finais do Ensino Fundamental (um graduado em Pedagogia, outro em Letras Português) e um deles de Ensino Médio (também graduados em Letras Português). Os alunos participantes eram de uma turma de 5º ano (30 alunos) e outra de 6º ano (21 alunos) do Ensino Fundamental, bem como, uma turma do 3º ano do Ensino Médio (24 alunos), totalizando **75 alunos**, foram abordados através de **questionário**. Os resultados mostraram que os conceitos de bullying presentes na escola, tanto aqueles apontados pelos adultos como diretor e professores, como aquele apontados por crianças e jovens alunos, são os mesmos identificados na literatura, ainda assim, ele é encarado pelos alunos como algo natural, que faz parte do convívio escolar. Os resultados obtidos indicam que ocorrem situações que podem ser consideradas como bullying; que elas são bastante comuns e mostram que os tipos de bullying mais prevalentes são *diretos e físicos* (agressão física) e *diretos e verbais* (agressão verbal). Enquanto diretor diz que a escola faz seu trabalho de prevenção, maioria dos alunos que respondeu o questionário diz que a escola não se mostra muito interessada em relação às medidas de prevenção e combate a esse tipo de prática, mas o diretor e os docentes dizem o contrário. A sugestão que se faz ao fim do trabalho é que a escola invista mais no trabalho preventivo seja através de palestras esclarecedoras sobre o tema, seja, fazendo o trabalho de mediação entre os sujeitos em conflito no seu interior.

Palavras-chaves: 1. Bullying; 2. Ambiente escolar; 3. Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
DEFININDO BULLYING. SEUS TIPOS. PAPÉIS DURANTE ELE.....	8
Tipos de bullying	9
Papéis durante o bullying	9
O BULLYING E A ESCOLA.....	13
Objetivos da pesquisa	14
METODOLOGIA.....	16
Sujeitos	16
Local	16
Instrumentos	16
Procedimento	17
RESULTADO E DISCUSSÃO.....	18
O que dizem os entrevistados.....	18
O que dizem os alunos.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	43

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE ESTUDO SOBRE SUA OCORRÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS

A escolha do tema **bullying no ambiente escolar** decorreu da constatação do fato de que muitas crianças ao serem matriculadas na escola sentem-se acuadas, pois esta tendo que conviver com outras pessoas que não pertenciam ao seu ambiente familiar. Este fato, mesmo que isoladamente, já representa grandes desafios aos alunos ingressantes na vida escolar, eis que mudam os paradigmas de convivência. No entanto, tudo pode ser agravado quando a criança ainda é vítima de bullying, desestruturando assim todo o projeto de aprendizagem. Por isso, os educadores devem estar atentos quando uma criança esta sendo atingida por tais fenômenos, assim como também identificar o agressor.

Através de estudos podemos conferir se o bullying é um dos fenômenos que atrapalham muito o desenvolvimento do ensino-aprendizado e na estrutura emocional da criança. Diante destes aspectos, minha escolha pelo tema, com o objetivo de contribuir com o estudo do bullying, e principalmente, poder diminuir sua incidência no ambiente escolar.

O processo de investigação desta pesquisa se dá em dois momentos: primeiramente temos um procedimento técnico com a pesquisa bibliográfica, o que foi realizado através de levantamentos teóricos acerca do fenômeno, em livros, teses, artigos, revistas e na internet, em portais indexados confiáveis como o Scielo.

O segundo momento inclui uma pesquisa empírica em uma escola situada no município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. A pesquisa teve como o intuito buscar conhecimentos sobre a sua ocorrência (ou não) no ambiente escolar; a visão que dele têm representantes da direção, do corpo docente e discente; bem como os procedimentos que são postos em prática na escola pra preveni-lo e coibi-lo. É importante identificar os males causados pelo bullying, e assim, conscientizar a sociedade sobre isto, sobretudo os profissionais que trabalham na escola. E, por que não as próprias crianças sobre os traumas que o bullying traz para a vida futura social e psicológica de suas vítimas, de modo que possamos de minimizar o índice do bullying na sociedade, como um todo, e na escola em particular.

A seguir se apresenta a **definição** de bullying segundo a literatura, sua **classificação** segundo os instrumentos que usa, os **tipos de bullying** descritos e identificados, bem como o papel que as pessoa envolvidas podem ter nele.

Na seqüência passa-se a descrever a pesquisa realizada, que envolveu a elaboração de u roteiro de observação da escola, dois roteiros de entrevista (um para o diretor, o outro para os professores) e um questionário para os alunos. Dela participaram um diretor da escola, 3 professores e 75 alunos entre Ensino Fundamental e Médio. Após a coleta de dados estes foram tabulados e discutidos à luz de teorias pertinentes, o que é aqui apresentado.

DEFININDO BULLYING. SEUS TIPOS. PAPEIS DURANTE ELE

Definindo bullying.

Bullying é um fenômeno do comportamento que sempre existiu, mas foi somente no início da década de 1970 na Suécia, que a sociedade começou a se preocupar com os problemas e conseqüências dessa relação entre agressor e vítima que são os principais personagens do fenômeno. Daí, o interesse se estendeu para outros países escandinavos. No final de 1982 na Noruega, o jornal divulgou a notícia de suicídio de três crianças com idades entre 10 e 14 anos, provavelmente vitimadas por esse tipo de assédio, e esse fato fez com que o Ministério da Educação na Noruega em 1983 fizesse uma Campanha Nacional para combater os problemas entre agressores e vítimas (FANTE, 2005, p.44-45).

O professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega, foi o primeiro que associou a palavra ao comportamento. Paralelamente, Heinz Leymann, psicólogo do trabalho, iniciou seus estudos sobre o mesmo fenômeno na Suécia. Olweus foi o primeiro pesquisador a identificar os praticantes do bullying e definir papéis para eles (RODRIGUES, 2010, p.145-146).

A adoção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros dezoito (18) países (NETO, 2005, p.165).

O **bullying** é conceituado como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir que ocorrem sem motivos, entre colegas e, repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força vitimiza o outro que não consegue se defender. Esse tipo de violência é observada nas escolas e em outros ambientes como no trabalho, na casa da família, nas forças armadas, prisões, condomínios residenciais, clubes e asilos (NETO, 2005, p.165).

Tipos de bullying.

Martins (2005, p.104 citado por ANTUNES; ZUIN, 2008, p.34), classificou o bullying em três tipos:

1. **Diretos e físicos:** são os que incluem a agressão física, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atitudes servis ou a ameaça desses itens citados.
2. **Diretos e verbais:** são os que incluem insultar, apelidar, tirar sarro, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro.
3. **Indiretos:** são os que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaça de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou seja, manipular a vida social dos colegas.

Atualmente alerta-se também, para um novo tipo de intimidação, denominado **cyberbullying** que é uma prática que remete à hostilização do próximo por meio de tecnologias de informação. Ele envolve o fortalecimento de comportamentos nocivos, maldosos e repetidos contra uma pessoa. Associando-se os significados, o cyberbullying é a prática do bullying pela internet e demais dispositivos tecnológicos (REBOUÇAS, 2010, p.1).

Esta prática reúne ações de discriminação que não são facilmente identificadas, porém a legislação do crime da internet possibilita a quebra de sigilo do tráfego da internet e o praticante do cyberbullying pode ser descoberto (REBOUÇAS, 2010, p.1).

Papéis durante o bullying.

Segundo Neto, “crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com sua atitude diante das situações de bullying. Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias” (NETO, 2005, p.166). Ainda segundo Neto (2005), a forma de classificação utilizada pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) teve o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que esses fossem estigmatizados pela comunidade escolar. Foram adotados os seguintes termos:

- **Alvo (vítima):** É considerado alvo, o aluno que é exposto de forma repetida e durante algum tempo às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Geralmente esse indivíduo é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo, tem poucos amigos; passivo, retraído, infeliz e sofre com vergonha, medo, depressão e ansiedade. Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais

podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência do bullying. Por isso é provável que os autores do bullying escolham e utilizem possíveis diferenças como motivações para agressões sem que eles sejam efetivamente as causas de assédio.

- **Autor (agressor):** é tipicamente popular; tende a envolver em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê a sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; geralmente é mais forte que seu alvo, sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Eles costumam ser menos satisfeitos com a escola e com a família; mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco como consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc. Ele pode manter um grupo pequeno em torno de si que atua como auxiliar em suas agressões e é indicado para agredir o alvo.

- **Alvo/autor (vítima/agressor):** aproximadamente 20% dos alunos autores também são vítimas do bullying sendo denominados alvos/autores. A combinação da baixa auto-estima e atitudes agressivas e provocativas é indicativa de uma criança ou adolescente que tem razão para praticar o bullying. Podem ser depressivos, inseguros e inoportunos procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. As diferenças entre alunos alvos/autores e os alvos típicos é que são impopulares e também pelo o alto índice de rejeição que recebem de seus colegas e às vezes pela turma toda.

- **Testemunhas:** A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala com medo de ser a próxima vítima, ou seja, por não saberem como agir e por descrerem na atitude da escola. Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de bullying (NETO, 2005).

A forma de como se reagem ao bullying permite classificar os envolvidos como:

- **Auxiliares:** São os que participam ativamente da agressão.
- **Incentivadores:** São os que incentivam e estimulam o autor.
- **Observadores:** São os que só observam ou se afastam.
- **Defensores:** São os que protegem os alvos.

Para Day (1996, p.44-45 citada por GROSSI; SANTOS, 2009, p.250), quatro fatores contribuem para o desenvolvimento de um padrão de comportamento de agir produzindo bullying. Eles são:

- 1- “Uma atitude negativa pelos pais ou por quem cuida da criança ou do adolescente”;
- 2- “Uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente”;
- 3- “Um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança ou adolescente”;
- 4- “Uma tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante”.

Além desses fatores citados por Day, Neto (2005) citou os fatores econômicos, fatores culturais, fatores sociais, influência dos colegas e relações de poder existentes no ambiente escolar. De acordo com Williams, Chambers, Logan e Robinson, “nas relações as conseqüências são tanto para as pessoas que oprimem quanto para as oprimidas podendo o seu efeito ser a longo prazo” (1996, citados por MATOS; GONÇALVES, 2009, p. 6-7).

Para Gonçalves e Matos (2009), aqueles que mantêm o seu comportamento agressivo, terão problemas no futuro com o desenvolvimento e manutenção de relações positivas. Os *autores* de bullying, comparativamente aos seus colegas, têm maior tendência para comportamentos de risco como o consumo de tabaco e de álcool, também não tem bons resultados escolares pelo fato de não gostarem de estudar (NETO, 2005, p.168-169). Já para os alvos as conseqüências são: isolamento, sintomas físicos ou psicossomáticos, tristeza, ansiedade, depressão ou distanciamento quanto aos assuntos relacionados à escola, ideação de suicídio e mesmo o próprio suicídio (NETO, 2005, p.168-169).

Por causa do bullying ocorrem prejuízos financeiros e sociais, que também atingem as famílias, as escolas e a sociedade em geral e as crianças e os adolescentes que sofrem e/ou praticam o bullying podem necessitar de programas sociais. E quanto à relação familiar, ela pode ser comprometida, pois a criança ou o adolescente pode sentir-se traído, caso entenda que os pais não estejam acreditando em seus relatos ou quando as suas relações não são afetivas (NETO, 2005, p.168).

Para quem é vítima de algum desses tipos de humilhação, a saída é se abrir, ou seja, procurar ajuda começando pelos próprios pais. Os pais que têm filhos passando por esse tipo de problema precisam mostrar-se disponíveis para ouvi-los. Nunca se deve aconselhá-lo a revidar a agressão, mas sim, esclarecer que ele não é culpado. Já no caso dos pais de

agressores é preciso que eles convençam e mostrem aos filhos que esse tipo de comportamento é prejudicial a eles (DREYER, 2005, p.2).

O BULLYING E A ESCOLA

Para Neto (2005), a escola é de grande significância para as crianças e os adolescentes e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que percebem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, desenvolvendo suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão (NETO, 2005, p.165).

Existe no Brasil a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que é a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Nesta lei consta que é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos 6 anos de idade, no Ensino Fundamental. Ela estabelece a Educação Infantil (creches e a pré-escola), Ensino Fundamental e Ensino Médio sejam, oficialmente, a primeira etapa da educação básica, pois no artigo 22 diz que a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe uma formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios em progredir no trabalho e em educação posteriores.

Segundo DREYER (2005, p.1), a prática de bullying está preocupando também, por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, como crianças dos primeiros anos de escolarização, pois diversos trabalhos internacionais demonstraram que a prática de bullying pode ocorrer a partir dos três anos. Ele também afirma que há dados que mostram que a incidência dessa violência vai aumentando conforme o avanço da idade dos alunos. Conforme (BALLONE, 2003) há diversos fatores para que esse tipo de prática esteja presente em faixas etárias cada vez mais baixas e para o aumento com o avanço da idade do indivíduo. Ele diz que as crianças estão mais sozinhas ou mais na convivência da rua do que com as suas famílias e mesmo estando em casa a criança ou o adolescente estão assistindo tevê, na internet e esses fatores fazem reduzir a convivência e as brincadeiras ao ar livre, o que pode contribuir para este estado de coisas. Além disso, destaca que a puberdade é a fase de transição da infância para adolescência, ou seja, a puberdade tem um aspecto biológico e universal, caracterizada é que pelas modificações visíveis, como por exemplo, o crescimento de pelos pubianos, auxiliares ou torácicos, desenvolvimento das mamas, evolução do pênis,

menstruação, etc. A **puberdade feminina** se inicia geralmente entre 11 e 14 anos, em geral tem início com a primeira menstruação (menarca). Já a **masculina** se inicia por volta dos 13 anos de idade e são muito mais demoradas que as das meninas. A **adolescência** se caracteriza pelo afastamento do seio familiar e cuja consequência é a imersão no mundo adulto e nessa fase a pessoa se deixa influenciar pelo ambiente de maneira muito mais abrangente que antes, onde seu universo era a sua própria família e esse período começa aos 13 anos e termina aos 18 anos de idade (BALLONE, 2003).

Parece fundamental entrar em contato com a escola para combater esse tipo de prática. Para isto, é necessária a colaboração de todos os envolvidos: professores, pais e alunos. Todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado. As estratégias de combate ao bullying devem ser definidas em cada escola, observando suas características e as de sua população. Quando se permite a participação dos alunos nas decisões e no desenvolvimento do projeto, isso é uma garantia maior ainda de sucesso. Portanto pode-se dizer desse fato que é fundamental que se construa uma escola que não ensine somente o conteúdo e sim, eduque o indivíduo para terem uma cidadania justa (NETO, 2005, p.169).

O Brasil não tem uma lei Federal sobre o combate ao bullying (WERTHEIN, 2011). Um projeto de lei propõe que as ações de combate ao bullying sejam detalhadas na lei de diretrizes e Bases da Educação. O projeto aguarda votação na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do senado (WERTHEIN, 2011).

Apesar disto, alguns Estados e Municípios adotaram leis de combate ao bullying, como São Paulo (Lei nº 14957, de 16 de julho de 2009) e Rio de Janeiro (Lei nº 5089, de 6 de outubro de 2009). Estas determinam que as escolas públicas da educação básica dos municípios deverão incluir em seu projeto pedagógico medidas de conscientização, prevenção e combate ao bullying escolar. Ambas prevêem a promoção de ações de prevenção e combate ao bullying, capacitação de professores e orientação das vítimas visando à recuperação da auto-estima (CESAR; MONTEIRO, 2011). Há outros projetos que estão em tramitação para se tornarem leis municipais e estaduais (WERTHEIN, 2011).

Objetivos da pesquisa:

Tendo em vista as considerações acima, a presente investigação tem por objetivo verificar se o bullying é um fenômeno que ocorre com frequência; como ele é caracterizado;

os locais em que ocorre com maior ou menor frequência; as faixas etárias, anos e turnos em que este tipo de prática está mais presente. Pretende-se ainda verificar como são as relações entre aluno/aluno, aluno/professor, alunos com a família, bem como as medidas tomadas pela escola para combatê-lo. O ambiente escolhido é o de uma escola pública do Município de Florianópolis. Para realizar tal investigação e obter as informações buscadas sobre o fenômeno aborda-se aqui direção, três professores e uma amostra do corpo discente, representado por três turmas (2 do Ensino Fundamental, 1 do Médio) a referida escola, o que se descreve a seguir na Metodologia.

METODOLOGIA

Sujeitos:

Participaram da pesquisa **o diretor geral da escola, três professores** e um total de **75 alunos** sendo que 30 eram de uma turma de 5º ano, cujas idades variavam de 10 a 12 anos, 21 eram de uma turma de 6º ano, cujas idades variavam de 11 a 15 anos e 24 eram de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, cujas idades variavam de 15 a 18 anos. Os professores lecionavam nas seguintes turmas: no 5º ano e no 6º ano do Ensino Fundamental e o outro no 3º. ano do Ensino Médio

Local:

A pesquisa foi realizada numa escola de Ensino Fundamental, Médio e Magistério no município de Florianópolis. A escola é estadual pública conta com 120 funcionários, 200 professores e 4800 alunos divididos em 143 turmas. O horário de funcionamento é das 07h00min às 22h10minh.

Além dos níveis de ensino oferecidos a escola oferece atividades complementares ao horário de aula que são: esporte, dança, Centro de Línguas Estrangeiras (CELE), Escola aberta e laboratórios para reforço escolar.

Instrumentos:

Foi elaborado o roteiro de observação da escola (ver anexo 1), cujas questões tratavam do horário de funcionamento; níveis de ensino oferecidos, verificação se a pública oferece atividades complementares ao horário de aula; número de alunos, funcionários, professores e turmas.

Além do roteiro de observação foram elaborados dois roteiros de entrevista, sendo que um para o diretor, o outro para os professores e um questionário para os alunos. O roteiro de entrevista que foi elaborado para o diretor contém 11 perguntas (ver anexo 2), o outro que foi elaborado para os professores contém 10 perguntas (ver anexo 3) e o questionário que foi elaborado para os alunos contém 11 perguntas (ver anexo 4). Tanto as perguntas para os diretores, professores e alunos eram discursivas e ambas tratavam do bullying nas escolas.

Procedimento:

A coordenadora de ensino do período vespertino fez o encaminhamento da entrevista com o diretor, bem como a sugestão de quais professoras e quais alunos abordar. Tanto a entrevista para o diretor quanto para os professores foi registrada num caderno de campo. As entrevistas tiveram uma análise de seus conteúdos e as respostas dos questionários serão tabuladas para posterior elaboração de figuras (gráficos) e análise de seus dados.

No questionário dos alunos, as questões eram discursivas. Como exemplo, a questão sobre *a definição de bullying*, cada um dos sujeitos que respondeu a ela deu suas opiniões. Assim, as respostas dadas foram: agressão física; agressão verbal; agressão física e verbal; ameaça etc. Houve também aqueles que não expressaram suas opiniões. Estas respostas foram tabuladas e calculou-se a porcentagem de cada uma delas, inclusive, dos que não responderam. Isto foi feito para cada uma das turmas abordadas, a saber. 5º. ano e 6º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Este procedimento foi realizado para todas as questões e a partir destes dados foram elaboradas tabelas e as figuras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que dizem os entrevistados:

O diretor da escola é graduado em Geografia, com especialização em “Graduação” Escolar e mestrado em Engenharia Ambiental. Ele está trabalhando na escola desde 2007, tendo assumido a direção da escola no presente ano de 2011. Como no Estado de Santa Catarina a direção é um cargo de confiança do Governo, ele foi indicado pela Secretaria da Educação. Os três professores abordados eram do sexo feminino, sendo a professora 1, graduada em Pedagogia desde 2003 (Unisul) com Pós-Graduação em “Orientação, Supervisão e Gestão Educacional” (2006). Enquanto a professora 2 é graduada em Letras Português (UFSC) desde em 1996, a professora 3 é igualmente graduada em Letras, mas com licenciatura dupla em Português-Inglês (1993), tendo concluído Psicopedagogia (em 2005).

Ao serem indagados sobre **o que é o bullying**, o diretor diz que é “qualquer tipo de constrangimento ou brincadeira de mau gosto que cause humilhação para o aluno, expondo-o as situações constrangedoras que atrapalhem seu bem estar”. O professor 1 diz que é um ato de discriminação. O professor 2 diz que é “uma maneira de expressar sentimentos negativos sobre alguém de forma pejorativa e maldosa”. E já o professor 3 diz que são “abusos físicos e psicológicos de um agressor contra sua vítima. Esse ato envolve apelidos, boatos, ameaças, críticas, isolamento e agressão física”.

Ao serem indagados se na escola ocorrem ações que possam ser consideradas como bullying, o diretor diz é comum ocorrer aí brincadeiras de mau gosto. Os professores 1 e 2 dizem que as ações que ocorrem aí podem sim, ser consideradas bullying. O professor 3 também diz que sim, e informa que geralmente a vítima começa a ser alvo de bullying a partir de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental e que com ele o aluno se sente impotente diante da situação e fica acuado.

Ao serem indagados **se já presenciaram** algumas ações que podem ser consideradas como bullying, o diretor diz que as situações que presenciou e identificou como bullying envolviam o uso de apelidos. O professor 1 diz que presenciou e estas situações envolviam discriminação por peso, cor, opção sexual e classe social. O professor 2 diz que já presenciou tais situações várias vezes, embora não tenha nenhum caso em especial para relatar. Ele também aponta que o povo brasileiro tem como um traço cultural e assim é normal, o uso de gozações, e que isto pode ser percebido também nos times de futebol. Ele completou sua fala ressaltando que “o problema é que algumas pessoas são tão prejudicadas com o apelido, que

são capazes de serem infelizes a vida toda, ou ainda, matar alguém”. E o professor 3 diz que tem presenciado estas situações de bullying e que elas ocorrem com certa constância nos horários de entrada e nas saídas das escolas e que, em uma ocasião da semana anterior à entrevista, três colegas de classe empurraram um outro colega, até ele cair no chão. Foi então que ela estava passando e chamou a atenção dos colegas.

Ao serem indagados se já ouviram algum **relato** de situações que possam ser consideradas como bullying, o diretor e o professor 2 não responderam. O professor 1 diz que ouviu o relato de uma criança que sofreu o bullying. Ele era acima do peso para a idade e os colegas sempre riam, abusavam dele. E o professor 3 diz que não ouviu nenhum relato.

Ao serem indagados sobre a **frequência e a gravidade** das ações que podem ser consideradas como bullying, o diretor diz que é bastante frequente. O professor 1 diz que estas situações são diárias e acrescenta que, em relação à gravidade, ainda não viu os alunos se excederem além de brincadeiras de mau gosto. O professor 2 diz que a ocorrência na escola é quase diária, mas poucas são consideradas graves, ou seja, depende mais do amor-próprio da vítima. E o professor 3 diz que acredita que os agressores já sabem que podem ser enquadrados como crime, sendo assim, aponta que a tendência destes comportamentos é diminuir, mas sempre há ocorrências nas direções sobre o assunto.

Ao serem indagados em que **local(is) da escola** em que a prática do bullying é **mais frequente** e o(s) local(is) que é **menos frequente**, o diretor diz que esse tipo de violência é bastante frequente em todos os ambientes da escola: salas de aula, nos intervalos, etc. O professor 1 diz que é bastante frequente no pátio, na hora do intervalo e menos frequente na sala de aula, pois tem a presença do professor. O professor 2 diz que a prática dessa violência é mais frequente na sala de aula e menos frequente, talvez no recreio, por estarem ocupados demais. E o professor 3 diz que é mais frequente nas saídas ou em salas de aula e menos frequente no recreio. Assim, os 4 sujeitos se dividem sobre os locais onde o bullying seja mais e menos frequentes, já que 2 deles (professor 1 e 3) apontam a sala de aula como menos frequente em razão da presença do professor, ao contrário do exposto pelo diretor e professor 2.

Ao serem indagados se nesta escola há uma **faixa etária, uma ano e um turno** em que esse tipo de violência está mais presente, o diretor diz que é das 6º a 8º anos. O professor 1 diz que é na fase de transição da infância para a adolescência, onde muda corpo, voz, etc., isto é, o 6º e 7º ano. O professor 2 diz que esse tipo de violência está mais presente na faixa etária dos 13 até os 16 anos e nas classes mais baixas da sociedade. E o professor 3 diz que

esse tipo de violência está mais presente dos 12 aos 16 anos de idade e no Ensino Fundamental.

Ao serem indagados sobre as **medidas da escola** no caso de ocorrer o bullying, o diretor diz que depende da situação. Em alguns casos o professor resolve, outros são encaminhados para orientação escolar e os mais graves a família é chamada na escola. O professor 1 diz que ainda não presenciou um caso onde precisasse a intervenção dos demais órgãos da escola, o que sugere que ele tem usado com eficiência a sua autoridade para resolver as questões. O professor 2 diz que os professores são severos e o aluno é punido com suspensão e conversa com os pais. E o professor 3 diz que é chamada a atenção, se não resolver, a escola chama os pais do agressor e avisa os pais do agredido. Ao que parece os professores têm lida com estas situações e ao lado disto, há como norma da escola que a direção seja informada sobre a situação, o aluno seja chamado na direção/coordenação e em alguns casos a família seja também chamada à escola.

Ao serem indagados em relação às medidas que são necessárias para **prevenir** o bullying, o diretor diz que é preciso formar (na escola) um núcleo que trabalhe na prevenção. A prevenção inclui esclarecer bastante o aluno e isto inclui também a escola promover palestras. O professor 1 diz que as medidas necessárias para prevenir o bullying são “conversas, explicações sobre o assunto”. O professor 2 diz que é preciso criar programas de valorização da vida e consciência de amor ao próximo com empatia. E o professor 3 diz que, entre as medidas que são necessárias para prevenir o bullying está envolver os pais, já que eles têm um papel importante, e devem estar atentos a sinais que possam denunciar se esta prática está acontecendo relacionada a algum estudante, seja o filho a **vítima** ou **agressor**. Características como fisionomia ou personalidade que o coloca como alvo fácil.

Ao serem indagados, quais **medidas** que a escola já **tomou** ou **costuma tomar** para prevenir o bullying, o diretor não respondeu. O professor 1 diz que são realizadas palestras sobre o tema, expor a situação para todos os envolvidos explicando o errado. O professor 2 não respondeu. E o professor 3 diz que são realizados os projetos que incluem o combate à prática do bullying, palestras de conscientização.

Ao serem indagados se em relação à ocorrência do bullying na escola, eles já buscaram ajuda de alguém como um especialista; no caso afirmativo, qual especialista e qual foi a resposta obtida, o diretor diz que buscou ajuda de palestrantes e que o resultado é sempre positivo. Os professores 1, 2 e 3 dizem que não buscaram ajuda de especialistas. O professor

2 acrescentou à sua resposta que apenas costuma ler sobre o assunto, bem como observar como as crianças se comportam a este respeito.

Ao serem indagados sobre como caracterizam a relação entre aluno/aluno e aluno/professor nesta escola, o diretor diz que é normal, com nível baixíssimo de ocorrências e situações que exijam medidas disciplinares. Assim, quando estas ocorrem, são pontuais. O professor 1 diz que é o predominate é uma relação com respeito e carinho. O professor 2 diz que considera boa relação, mas não há muito contato dos professores com o histórico familiar dos alunos, de forma que muitos fatos (“segredos”) que poderiam ajudar ao professor a lidar com os alunos se fossem revelados, não o são, assim eles permanecem e ficam em silêncio e inseguros. E o professor 3 diz que de modo geral é tranquilo, e que as situações que chamam atenção entre aluno e aluno, professor e aluno, são tomadas as providências necessárias.

O que dizem os alunos:

Um total de 75 alunos respondeu o questionário sobre o bullying, sendo que destes, 30 cursam a 5º ano do Ensino Fundamental, 21 cursam a 6º ano do Ensino Fundamental e 24 cursam o 3º ano do Ensino Médio. A distribuição de idades por ano de acordo com a figura 1 é a seguinte: para os alunos de 5º ano ela varia de 10 a 12 anos, sendo que 13 (43,33%) têm 10 anos, 16 (53,33%) tem 11 anos e apenas 1 (3,33%) tem 12 anos. Em relação à 6º ano ela varia de 11 a 15 anos, onde 4 (19,05%) têm 11 anos; 12 (57,14%) têm 12 anos; 3 (14,28%) têm 13 anos e 2 (9,52%) tem 15 anos. E do 3º ano do Ensino Médio, ela varia de 15 a 18 anos, apenas 1 tem 15 anos (4,16%) (6,25%) têm 16 anos; 14 (58,33%) têm 17 anos e 3 (12,5%) tem 18 anos. Isto pode ser visto pela figura 1.

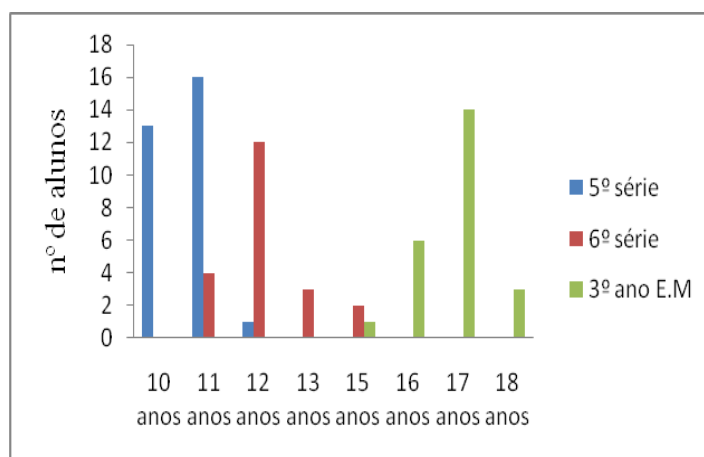


Figura1: Distribuição de idades por ano

Observando os dados, pode-se dizer que dos alunos da amostra desta pesquisa na maioria está cursando a ano apropriado às suas idades, pois de acordo com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC, 2007) a idade para criança ingressar no Ensino Fundamental de nove anos de duração é a partir de 6 anos. Para cursar os anos de 5º a 8º é entre 11 a 14 anos, ou seja, aos 14 anos o aluno já tem que estar matriculado na 8º ano, enquanto no Ensino Fundamental antigo (8 anos) o ingresso da criança era aos 7 anos.

Ao serem indagados sobre o que é bullying, as respostas dadas foram de 5 categorias, a saber categorias, a saber: 1) *agressão física*; 2) *agressão verbal*; 3) *agressão física e verbal*; 4) *agressão física, verbal e ameaça* e 5) *ameaça*, como pode ser acompanhado pela figura 2. Dentre as 5 categorias de respostas a mais frequente, nas 3 turmas foi que o bullying é *agressão física e verbal* de um indivíduo contra o outro que é mais fraco. Pela figura 2 pode-se ver que esta escolha foi feita na 5º ano e 6º ano por 11 alunos em cada turma (na 5ª. ano 36,66% e na 6ª. ano 52,38%) e no 3º ano do Ensino Médio esta escolha foi feita por 10 alunos da turma 41,66%. Uma parte dos alunos das 3 turmas aponta (apenas) *agressão verbal* como bullying: 6 alunos da 6ª ano e da 5ª. ano contra 7 do 3º. Ano. Uma parte dos alunos das turmas de 5º e 6º anos aponta (apenas) *agressão física* como bullying: 5 alunos da 5º ano e apenas 2 alunos da 6º ano. Apenas 1 aluno de cada turma (5º e 3º ano do Ensino Médio) aponta (apenas) *agressão física, verbal e ameaça* como bullying. E apenas 1 aluno da turma de 6º ano aponta (apenas) *ameaça* como bullying.

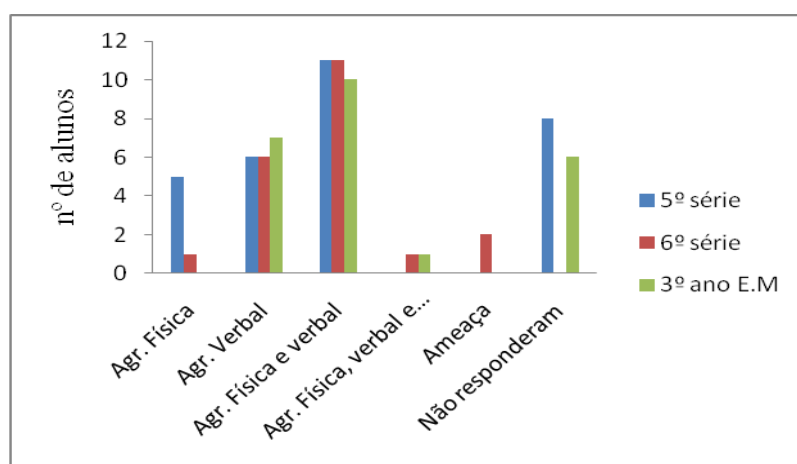


Fig.2: Opinião dos alunos sobre o que é bullying.

Nota-se nos resultados apresentados na figura 2 que nas respostas foram identificados os 3 tipos de bullying propostos pelos estudos de Martins (2005), a saber: **diretos e físicos**

(agressão física), **diretos e verbais** (agressão verbal) e **indiretos** (ameaça). No entanto, a grande maioria dos alunos, tanto os da 5º ano e 6º ano, como os de 3º ano do Ensino Médio, respondeu que bullying “é agressão física e verbal de um indivíduo contra o outro”. As respostas do diretor e de 2 docentes parecem que enfatizam aspectos **verbais** e psicológicos nas suas definições de bullying, já que o diretor diz “que é qualquer tipo de constrangimento ou brincadeira de mau gosto que cause humilhação...”; o professor 1 diz “que é um ato de discriminação”; o professor 2 diz “que é uma maneira maldosa de expressar sentimentos negativos.” enquanto o professor 3 destaca que: “são abusos físicos e psicológicos de um agressor contra sua vítima...”. Ainda assim, nota-se que nas respostas dos três grupos de sujeitos – direção, docente e discente – foram identificados os três tipos de bullying descritos por Martins (2005) que são os *diretos e físicos*, *diretos e verbais* e os *indiretos*.

A questão 3 indagava que *se ocorrem* na escola ações que podem ser consideradas como bullying. Pode se observar pela figura 3 que a maioria dos sujeitos nas 3 turmas diz que ele *ocorre sim*. Assim, 83,33% da 5ª. ano, 76,19% da 6ª. ano e 83,33% do 3º. ano do Ensino Médio responderam afirmativamente. Apenas 1 estudante em cada ano respondeu que *não, ou seja*, 3,33% da 5º ano; 4,76% da 6º ano e 4,16% do 3º ano do Ensino Médio; 4 estudantes das turmas de 5º e 6º anos, bem como 3 do 3º ano do Ensino Médio não responderam a essa pergunta, ou seja, respectivamente; 13,33% da 5º ano; 19,05% da 6º ano e 12,5% do 3º ano do Ensino Médio.

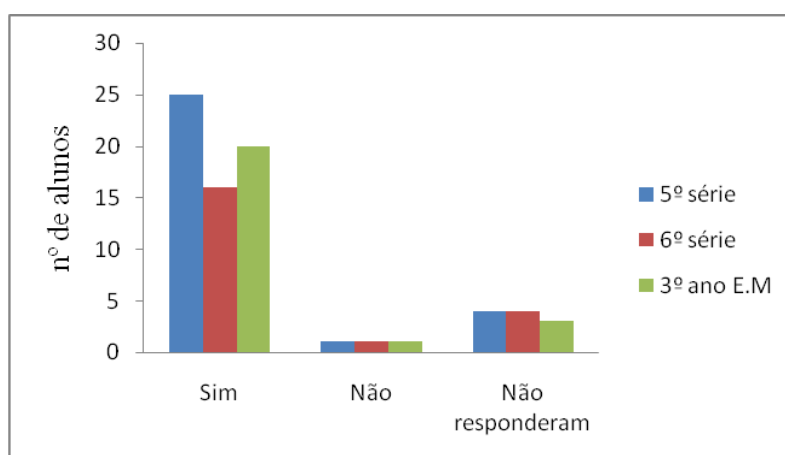


Fig. 3: Frequência de respostas sobre a ocorrência de bullying no cotidiano escolar

O fato interessante a destacar nos resultados da figura 3 é que a maioria dos participantes afirma que o bullying ocorre, e ele está em concordância com o apontado por Neto (2005) que diz que o bullying é observado com frequência na escola e em outros ambientes.

Apenas, uma pequena parte dos alunos respondeu à questão número 3, afirmando que *não há ocorrência de bullying* na escola. Aqueles que respondem ele *não ocorre* podem não ter clareza do que seja bullying, ou talvez, não considerem algumas desavenças como bullying. As respostas dos alunos sobre a real ocorrência de bullying no cotidiano escolar são confirmadas pelo diretor e pelos três docentes sobre a ocorrência do bullying. Nota-se que as respostas do diretor e dos docentes estão de acordo com a resposta da grande maioria dos alunos que respondeu **sim**, em especial aqueles das turmas de 5º e 6º anos. Ao que parece, este tipo de prática está bastante presente nessas turmas, que estão na fase da puberdade conforme Ballone (2003), considerando-se suas faixas etárias (apresentadas na figura 1).

Como se vê pela figura 4, a maioria dos alunos da 5º e 6º anos – respectivamente 56,66% e 66,66% responderam que *sim*, quando indagados se já presenciaram algumas ações que podem ser consideradas como bullying, ao passo que, a maior parte (62,5%) dos alunos do 3º ano do Ensino Médio respondeu que *não*. Igualmente, 30% da 5ª ano respondeu que *não* e 23,81% da 6ª ano. Entre os que responderam que já presenciaram ações de bullying, nenhum deles apontou de que tipo de ações se tratava, ou seja, 56,66% da 5º ano, 66,66% da 6º ano e 29,16% do 3º ano do Ensino Médio não responderam à questão.

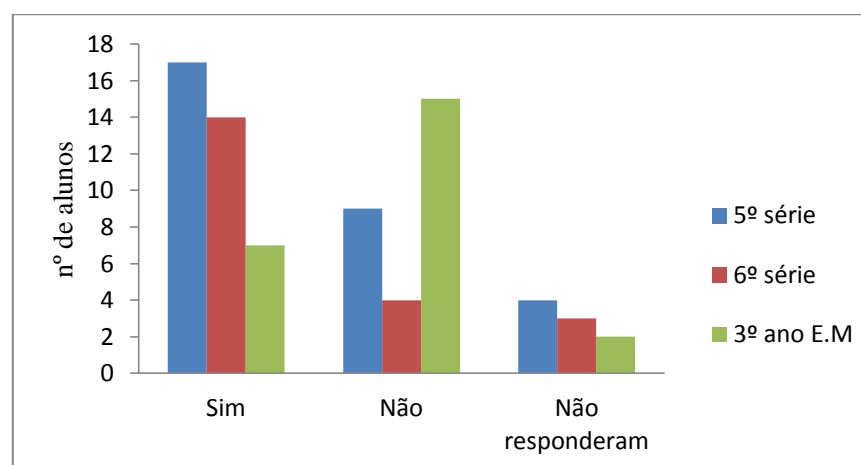


Fig. 4: Frequência de alunos que já presenciaram bullying

Os dados da figura 4 corroboram os resultados anteriores (fig. 3) sobre a efetiva ocorrência do bullying nesta escola e apontam que na percepção dos alunos da amostra ele é bastante comum. Eles corroboram também a afirmação de Neto (2005) sobre sua frequência. Esta diferença entre os alunos do Ensino Fundamental que dizem **constatar** o bullying e os de Ensino Médio que dizem que **não constata**m sugere que ele seja mais comum entre os de 5 e 6ª ano. Como se vê pela figura 1, as idades dos alunos das turmas de 5º e 6º anos variam dos

10 aos 15 anos, mas a maioria tem 11, 12 e 13 anos de idade. Isto tem a ver com a fase da puberdade. Conforme Ballone (2003) a puberdade é a fase de transição da infância para adolescência, ou seja, começa haver mudanças no corpo, nas atitudes e que geralmente se inicia aos 11 anos ou se for mais tarde aos 13. Nesta fase, a convivência entre alunos é bastante complicada. As respostas do diretor e dos docentes são de afirmar a ocorrência de bullying – o diretor diz “que ouviu o uso de apelidos”; o professor 1 “que já presenciou casos de discriminação...” Os outros 2 professores que têm presenciado. Nota-se uma contradição com que o diretor e os professores responderam com uma amostra de alunos que respondeu que não presenciaram situações que podem ser consideradas como bullying.

A questão 4 indagava se já *ouviram relatos* de ações que podem ser consideradas como bullying. De acordo com a figura 5, na 5ª ano parte igual da amostra respondeu favorável ao *sim*, 8 pessoas, ou seja, 26,66% e ao *não* e a grande parte da amostra; 46,66%; *não respondeu*. Da turma da 6ª ano (42,86%) e do 3º ano do Ensino Médio (54,16%) respondeu que *não* ouviu relatos. Quanto ao restante destas 2 turmas, na 6ª ano 14,28% e 33,33% do 3º ano do Ensino Médio respondeu que *sim*. Uma parte considerável da amostra *não respondeu* a pergunta – 42,86% e 16,66%, respectivamente na 6ª. ano e 3º. ano.

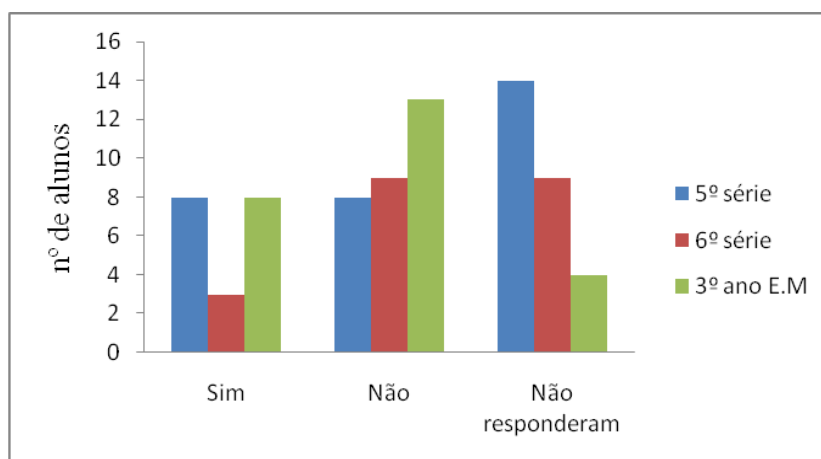


Fig. 5: Frequência de alunos que já ou não ouviram relatos de bullying.

Em relação à figura acima nota-se que grande parte dos alunos independente da turma *deixaram de responder*. Isso ocorreu pelo fato de que provavelmente eles não tenham muito conhecimento o suficiente em relação a esse tipo de prática. E uma grande parte respondeu que *não*, pois pode ser que alguns relatos que já ouviram eles não considerem como bullying.

As respostas à questão 5 sobre o papel que tiveram na situação de bullying (vítimas, autores, autores/vítimas e/ou testemunhas) está apresentada na figura 6. Ela mostra que entre

os sujeitos da 5º ano 13,33% respondeu foi *autor*, ou seja, que *praticou* o bullying; 2 deles (6,66%) diz que: já foi *autor/vítima* do bullying – ou seja, já *praticou e sofreu* de bullying e outros 2 dizem que foram *testemunha* de bullying e assim, já *presenciou* o bullying. Um deles (3,33%) diz que já foi *autor, vítima e testemunha* e outro deles que já foi *vítima e testemunha* de bullying. Na 6º ano (14,28%) respondeu que somente *presenciou* o bullying, ou seja, foi *testemunha*; 2 deles (9,52%) já foram *vítimas* de bullying e 1 (4,76%) já foi *vítima e testemunha* de bullying. No 3º ano do Ensino Médio, 1 (4,16%) respondeu que somente *praticou*; 1 (4,16%) que já foi *vitima – praticou e presenciou* o bullying (autor/vítima/testemunha) e 1 (4,16%) respondeu que somente *sofreu* de bullying. Assim, nesta turma de acordo com as respostas houve uma distribuição igual de papéis durante o bullying.

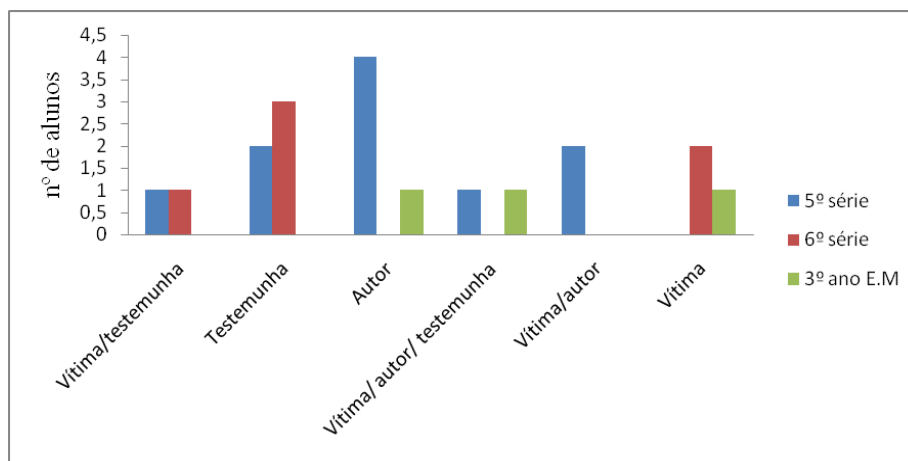


Fig. 6: Frequência de alunos que se já foram autores/vítimas/testemunhas do bullying.

Nota-se que a grande maioria dos alunos da 5º ano respondeu que já foram *autores e vítimas* de bullying, ou seja, isso significa que eles já sofreram e praticaram e que o bullying. Pelo que Dreyer (2005) pensa isto está atingindo faixas etárias cada vez mais baixas, talvez, como pensa Ballone (2003) como consequência do modo de vida atual em que as crianças estão mais sozinhas, na convivência na rua, ou mesmo estando em casa, as crianças e o adolescentes com menos supervisão dos adultos, vendo tevê, internet etc.

A questão 7 indagava se são *vítimas, autores, autores/vítimas* e/ou *testemunhas* de bullying. De acordo com ela nota-se que nas 3 turmas a maioria respondeu *nenhuma das opções* – 53,33% da 5º ano; 33,33% da 6º ano e 62,5% do 3º ano do Ensino Médio. Isto sugere que não são autores, autores/vítimas, vítimas e/ou testemunhas de bullying. Do restante dos alunos da 5º ano apenas 3,33% respondeu que é somente *vítima*; enquanto 3,33%

respondeu que é somente *testemunha* e outros 3,33% respondeu que é *vítima e testemunha*, enquanto 3,33% não respondeu a essa pergunta. Do restante dos alunos da 6º ano 9,52% é somente *vítima*; outros 9,52% dizem ser somente *testemunha*, enquanto que apenas 4,76% são *vítima e testemunha*. Já 4,76% são *autor e vítima* e 4,76% é *autor, vítima e testemunha* e 4,76% não respondeu a essa pergunta. E em relação ao restante dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, 4,16% é somente *vítima*; outros 4,16% são *autor, vítima e testemunha* e 16,66% é somente *testemunha*.

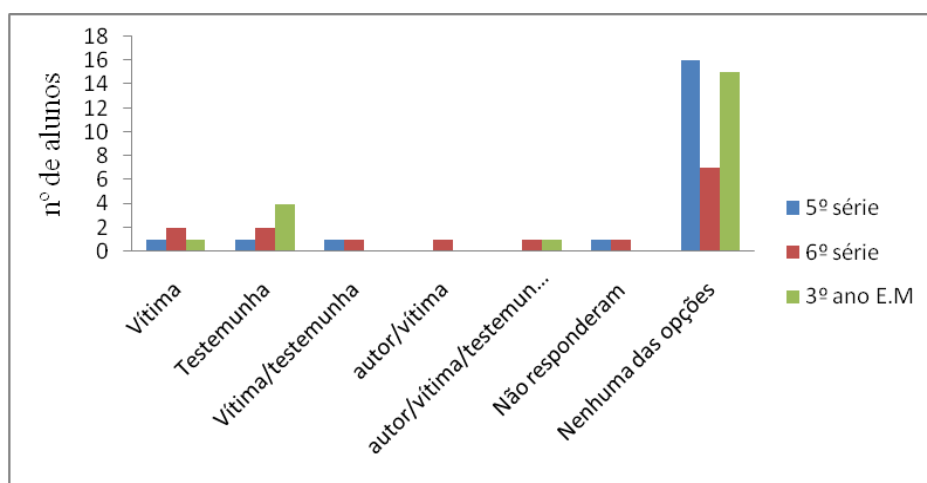


Fig.7: frequência de alunos que são autores, vítimas e/ou testemunhas de bullying.

Da figura 6 para a 7, nota-se que na turma da 5º ano diminuiu o número de alunos que são *autores* e/ou *vítimas* de bullying. Na 6º ano, verifica-se que aumentou o número de alunos que são *autores* e/ou *vítimas* de bullying. E do 3º ano do Ensino Médio diminuiu o número de alunos que são *autores* e/ou *vítimas* de bullying. O fato de diminuir número de alunos na 5º e 3º ano do Ensino Médio que são *autores* e/ou *vítimas* de bullying, contradiz o que Dreyer (2005) afirma sobre a incidência de bullying ir aumentando com o avanço da idade. Estes resultados sugerem que os alunos dessas duas turmas possam estar mais conscientizados das más consequências que o bullying pode trazer na vida de um indivíduo.

A questão que indagava sobre os locais em que a prática do bullying é mais frequente. De acordo com a figura 8, vê-se que as respostas dadas foram de 10 categorias, a saber: 1) *na escola toda*; 2) *sala de aula*; 3) *recreio*; 4) *sala de aula e recreio*; 5) *rua*; 6) *escola e rua*; 7) *escola e em casa*; 8) *escola e internet*; 9) *escola e trabalho* e 10) *internet*. Dentre as 10 categorias de respostas, a mais frequente nas 3 turmas, o local em que a prática do bullying é mais frequente é *na escola toda*, ou seja, entre os que responderam, esta escolha foi feita por 23 alunos da 5º ano (76,66%), por 13 (61,90%) da 6º ano e por 16 (66,66%) do 3º ano do

Ensino Médio. Os que responderam que é na *sala de aula*, foram 1 de cada turma de (5º ano e 3º ano de Ensino Médio) e alunos da 6º ano (9,52%). Os que responderam que é somente no *recreio*, foi somente 1 aluno da 5º ano (3,33%). Os que responderam que é na *sala de aula* e no *recreio*, foi somente 1 aluno da 5º ano; 3,33%. Na *rua*, foi respondido somente por 1 aluno da 6º ano (4,76%). Os que responderam que é somente na *escola* e na *rua*, foram 2 alunos da 6º ano (9,52%) e 1 do 3º ano do Ensino Médio (4,16%); na *escola* e em *casa*, foi somente 1 aluno da 6º ano (4,76%). Na *escola* e na *internet*, foi escolhido somente por 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%). Na *escola* e no *trabalho*, foi apontado somente 1 aluno do 3º ano do ensino Médio (4,16%). E na *internet*, apenas 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%) indicou.

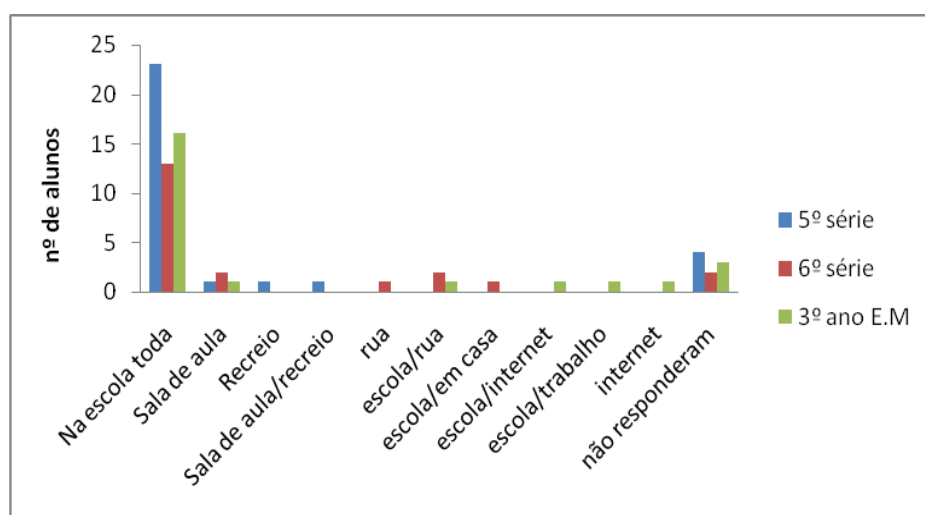


Fig. 8: Locais em que a prática do bullying é mais frequente.

Verifica-se que dos alunos que responderam sobre qual o local em que o bullying é bastante frequente, a maioria deles nas 3 turmas respondeu que é na *escola*. Esta posição pode ser resultante do fato de acharem que é aí que passam a maior parte do tempo convivendo com pessoas de diferentes culturas e de diferentes situações financeiras; por ser um local onde sofrem influências de colegas e das relações de poder conforme propõe Neto (2005). E pouquíssimos sujeitos nesta amostra responderam *internet*. Isto pode ser resultado de que os sujeitos da amostra não sejam usuários tão contumazes da internet, e assim podem ignorar que o bullying também está presente no mundo virtual, o fenômeno este conhecido como *cyberbullying* de acordo com Rebouças (2011).

Ao serem indagados sobre os locais em que a prática do bullying é *menos frequente*, como se vê pela figura 9, as respostas dadas foram de 8 categorias, a saber: 1) *em casa*; 2)

nas ruas; 3) em outros locais exceto na escola; 4) escola toda; 5) academia militar; 6) no trabalho; 7) grupo de amigos e 8) casa e locais com adultos. Dentre as 8 categorias, a mais apontada nas 3 turmas é que o local em que a prática do bullying é menos frequente é *em casa*, ou seja, esta escolha foi feita por 12 alunos da 5º ano (40%); 8 (38,09%) da 6º ano e 12 (50%) do 3º ano do Ensino Médio. Os que responderam que é *nas ruas*, foram 8 alunos da 5º ano (26,66%) e 3 (14,28%) da 6º ano. Os que responderam que é *somente em outros locais exceto na escola*, foram 2 alunos da 5º ano (6,66%) e 1 aluno de cada turma entre o 6º ano e 3º ano do Ensino Médio. Na *escola toda* – 1 aluno da 6º ano (4,76%); na *academia militar*, somente 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%) indicou; *no trabalho*, foi somente 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%); em *grupo de amigos* foi apenas 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%). E os que responderam que é somente em *casa e locais com adultos*, foi apenas 1 aluno do 3º ano do Ensino Médio (4,16%).

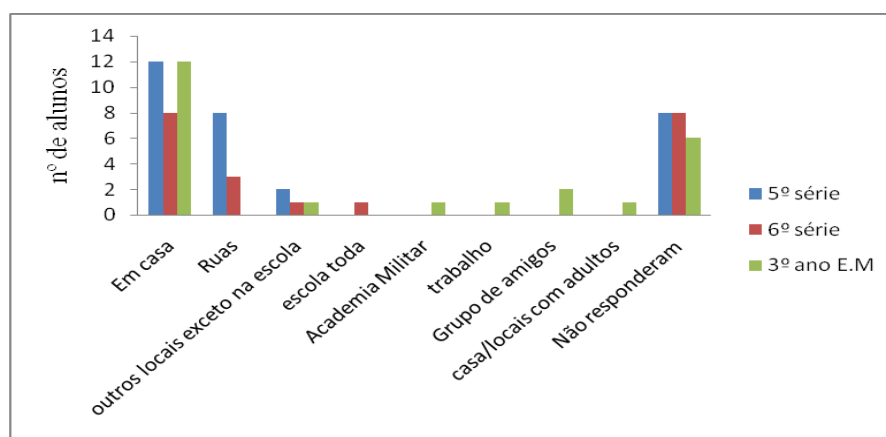


Fig. 9: Locais em que a prática do bullying é menos frequente.

O fato interessante é a maioria dos alunos tanto das turmas de 5º ano, 6º ano e 3º ano do Ensino Médio, terem respondido que o local em que a prática do bullying é menos frequente é *em casa*. O bullying é um fenômeno que acontece entre os pares e em casa há, sobretudo, a família que garante a proteção e o convívio. Isto sugere que eles podem ter um convívio familiar relativamente bom. As questões ao diretor e aos docentes em relação ao local em que é *menos frequente* a prática do bullying foram abertas, sem que lhes fossem oferecidas alternativas como foi o caso dos alunos. Ainda assim, é interessante lembrar que o professor 1 diz “que é na sala de aula, devido à presença do professor”, os professores 2 e 3 dizem “que é no recreio por eles estarem ocupados demais”, enquanto o diretor não respondeu.

A questão 7 indagava sobre a relação diária com a família. De acordo com a figura 10, as respostas dadas foram de 4 categorias, a saber: 1) *ruim*; 2) *regular*; 3) *boa* e 4) *ótima*. Nota-se que da turma da 5º ano 15 alunos (50%) responderam que a relação diária com a família é *ótima*. Parte marcante dos alunos da turma de 6º ano quanto do 3º ano do Ensino Médio, respondeu que a relação diária com a família é *boa*: 10 alunos (47,62%) da 6º ano e 12 (50%) do 3º ano do Ensino Médio. O restante dos alunos da turma de 5º ano, a saber: 3 (10%) responderam que é *regular*; 10 (33,33%) responderam que é *boa* e 2 (6,66%) *não responderam* a essa pergunta. Nos demais alunos da 6º ano, somente 1 aluno respondeu que a relação diária com a família é *ruim* (4,76%); 5 deles (23,81%) responderam que é *regular*; 4 (19,05%) responderam que é *ótima* e 1 (4,76%) *não respondeu* a essa pergunta. E em relação ao restante dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, 2 (8,33%) responderam que a relação diária com a família é *regular* e 10 (41,66%) responderam que é *ótima*.

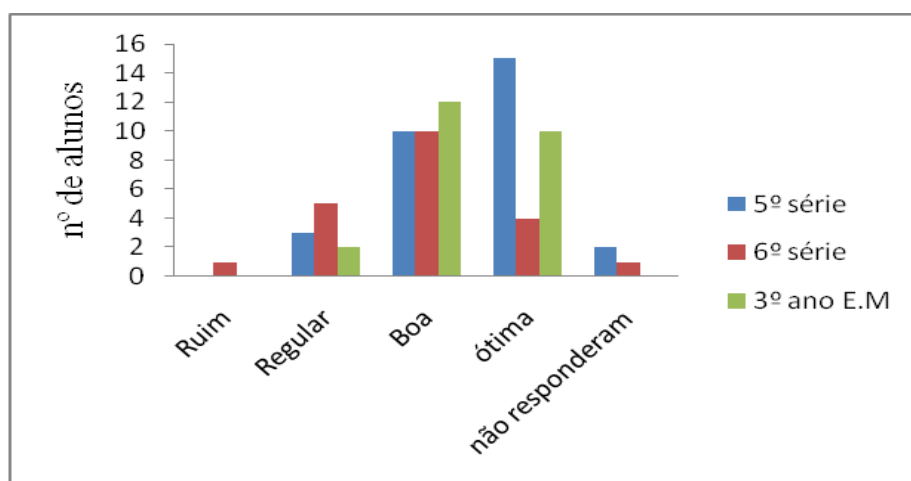


Fig. 10: Qualidade da relação diária com a família.

Na figura 10 nota-se que somente a minoria dos alunos da turma de 6º ano responderam que a relação diária com a família é ruim. De qualquer modo, isto é preocupante. Relacionamentos familiares ruins facilitam que o indivíduo desenvolva o comportamento de bullying. De acordo com Day (1996), entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento de um comportamento de bullying pode estar a atitude negativa dos pais ou de quem cuida da criança/adolescente e um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança ou adolescente e estes fatores estão relacionados à família.

Ao serem Indagados sobre a relação diária com os professores. De acordo com a figura 11, as respostas dadas foram de 3 categorias, a saber: 1) *regular*; 2) *boa* e 3) *ótima*. Nota-se que dos alunos da turma de 5º ano (43,33%) respondeu que a relação diária com os

professores é *ótima*. Em relação à turma de 6º ano houve um empate nas respostas *regular* e *boa*, cada uma delas com 38,09%. E em relação à turma do 3º ano do Ensino Médio, grande parte da turma (45,83%) respondeu que é *boa*. Em relação ao restante dos alunos das 3 turmas, da 5º ano, 3 (10%) responderam que é *regular*; 11 (36,66%) responderam que é *boa* e 3 (10%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano, 3 (14,28%) responderam que é *ótima* e 2 (9,52%) *não responderam* a essa pergunta. E do 3º ano do Ensino Médio, 9 (37,5%) responderam que é *regular* e 4 (16,66%) responderam que é *ótima*.

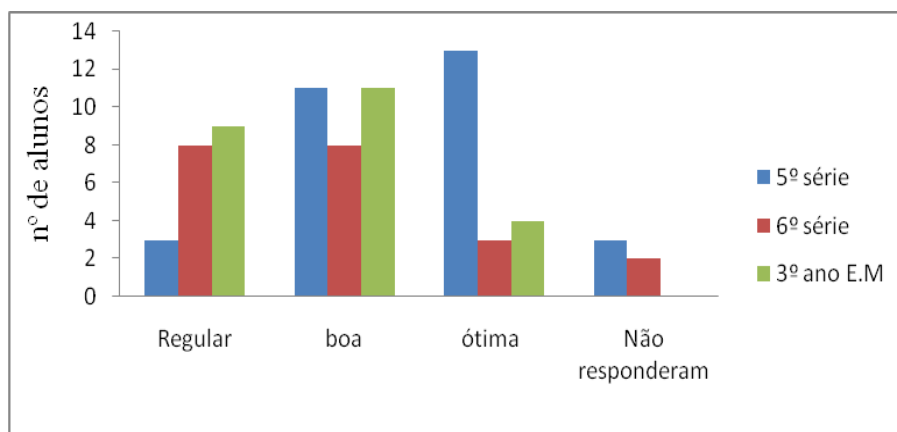


Fig. 11: Qualidade da relação diária com os professores.

Nota-se que na figura 11 através de outras alternativas dos alunos que responderam sobre a relação diária dos professores, todos responderam que não classificam como *ruim* e isto é um aspecto muito bom, pois uma boa comunicação entre alunos e professores pode fazer toda diferença para um bom desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem e isso faz levantar a autoestima dos alunos, o que contribui para diminuir a incidência do bullying. Tanto o diretor como os docentes dizem que a relação entre alunos e aluno/professor é boa e isto está de acordo com que a maioria dos alunos respondeu, isto mostra que eles devem ter uma boa relação com seus familiares, pois conforme Day (1996) a relação familiar é fundamental para o desenvolvimento.

A questão que indagava sobre a relação diária com os colegas de classe. De acordo com a figura 12, as respostas dadas foram de 4 categorias, a saber: 1) *ruim*; 2) *regular*; 3) *boa* e 4) *ótima*. Das turmas da 5º ano e do 3º ano do Ensino Médio grande parte respondeu que a relação com os colegas de escola é *ótima* – 3 6,66% e 50%, respectivamente. E já na turma da 6º ano uma parte significativa dela (33,33%) respondeu que é *boa*. Agora em relação ao restante dos alunos das 3 turmas, da 5º ano, 9 (30%) responderam que é *regular*; 8 (26,66%)

responderam que é *boa* e apenas 2 (6,66%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano, 2 (9,52%) responderam que é *ruim*, 5 (23,81%) responderam que é *regular*, apenas 2 (9,52%) responderam que é *ótima* e 5 (23,81%) *não responderam* a essa pergunta. E em relação ao 3º ano do ensino Médio, 4 (16,66%) responderam que é *regular* e 8 (33,33%) responderam que é *boa*.

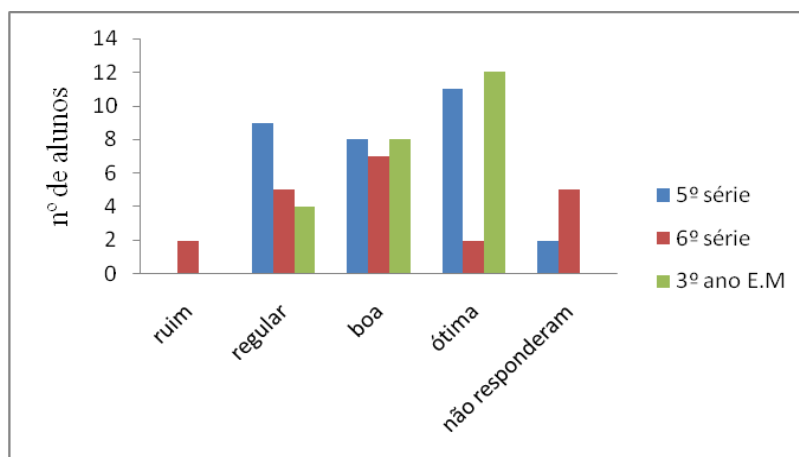


Fig. 12: Qualidade da relação diária com os colegas de classe.

Nota-se pela figura 12 que dos que responderam que a relação diária com os colegas de classe é ruim foram apenas alguns alunos da turma da 6º ano. Esse fato acontece, pois pode ser que eles já estejam na fase de transição da infância para adolescência que é denominada puberdade e esta fase é caracterizada pelas modificações visíveis conforme Ballone (2003) e tem início aos 11 anos, com isso eles começam a dar mais importância à sua aparência física e à aceitação social. E à medida que os indivíduos vão crescendo as relações vão melhorando conforme a figura 12, mas isso se contradiz com que Dreyer (2005) aponta quando que à medida que os indivíduos crescem, a incidência do bullying aumenta.

Indagados sobre a relação diária geral entre os alunos. De acordo com a figura 13, as respostas dadas foram de 4 categorias, a saber: 1) *ruim*; 2) *regular*; 3) *boa* e 4) *ótima*. Em relação a turma de 5º ano, 10 (33,33%) responderam que é *regular* e 10 (33,33%) responderam que é *boa*. Da 6º ano, uma parte respondeu que é *ruim* (38,09%). E em relação a turma do 3º ano do Ensino Médio grande parte respondeu que é *regular* (45,83%). Agora em relação ao restante dos alunos das 3 turmas, da 5º ano, 3 (10%) responderam que é *ruim*, somente 2 (6,66%) responderam que é *ótima* e 5 (16,66%) *não responderam* a essa pergunta. Da turma da 6º ano, 6 (28,57%) responderam que é *regular*, 3 (14,28%) responderam que é *boa*; 1 (4,76%) respondeu que é *ótima* e 3 (14,28%) *não responderam* a essa pergunta. E da

turma do 3º ano do ensino Médio, 2 (8,33%) responderam que é *ruim*, 7 (29,16%) responderam que é *boa*, 1 (4,16%) respondeu que é *ótima* e 3 (12,5%) *não responderam* a essa pergunta.

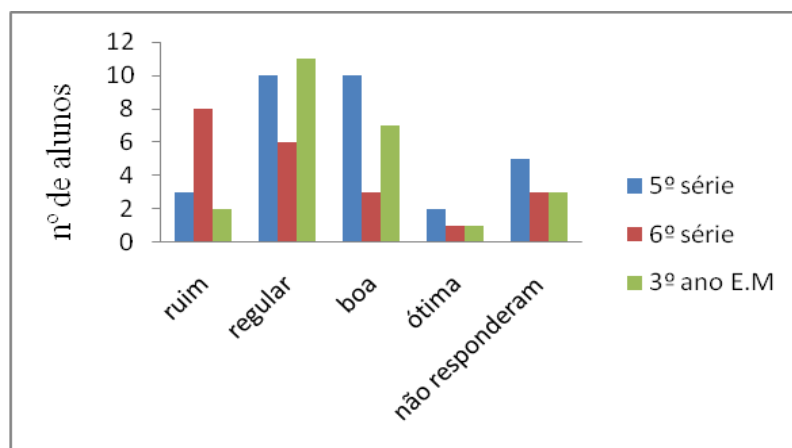


Fig. 13: Qualidade da relação diária geral entre alunos.

Pode-se ver pela figura 13 que a maioria dos alunos tanto das turmas de 5º ano, 6º ano e 3º ano do Ensino Médio respondeu que a qualidade da relação geral entre alunos não é ruim. Esse fato é fundamental porque conforme o autor Neto (2005) os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que percebem este apoio terão maiores possibilidades de alcançar um nível melhor de aprendizado, desenvolve as habilidades sociais e fortalece a capacidade de reação diante de situações de tensão. As respostas do diretor e dos docentes em relação ao relacionamento geral diário entre alunos, o diretor diz “que é normal com baixíssimos níveis de ocorrência, o que exige medidas pontuais”; já o professor 1 diz “que é uma relação boa, com respeito e carinho”, enquanto o professor 2 diz “que considera boa relação, mas não há muito contato dos professores com o histórico familiar dos alunos, de forma que muitos segredos que poderiam ajudá-los se nos fossem revelados, ficam em silêncio e inseguros”. E o professor 3 diz “que é tranquila!” Comparando as respostas, nota-se que o diretor tanto os professores visualizam como boa em geral a relação entre alunos e isto está de acordo com que os alunos responderam.

A questão que indagava sobre a relação diária geral entre alunos e professores (aluno/professor). De acordo com a figura 14, as respostas dadas foram de 4 categorias, a saber: 1) *ruim*; 2) *regular*; 3) *boa* e 4) *ótima*. Da turma da 5º ano uma boa parte respondeu que é *boa* (43,33%). Da turma da 6º ano, 6 (28,57%) responderam que é *ruim* e 6 (28,57%)

responderam que é *regular*. E já da turma do 3º ano do Ensino Médio, a maioria respondeu que a relação é *regular* (58,33%). E em relação ao restante dos alunos das 3 turmas, da 5º ano 5 (16,66%) responderam que é *regular*, 3 (10%) responderam que é *ótima* e 9 (30%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano 5 (23,81%) responderam que é *boa*; 1 (4,76%) respondeu que é *ótima* e 3 (14,28%) *não responderam* a essa pergunta. E em relação a turma do 3º ano do Ensino Médio, 2 (8,33%) responderam que é *ruim* e 8 (33,33%) responderam que é *boa*.

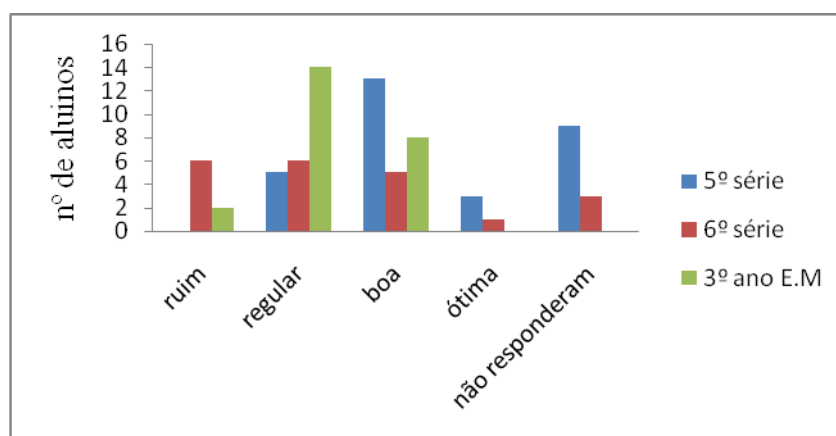


Fig. 14: Qualidade da relação diária geral entre alunos e professores.

Observando-se a figura 14 verifica-se que uma pequena parte dos alunos das turmas de 6º anos e 3º ano do Ensino Médio respondeu que a relação entre alunos e professores é ruim. Isto está de acordo com que a professor 2 falou que não há muito contato dos professores com o histórico familiar dos alunos de forma que muitos fatos (“segredos”) que poderiam ajudar ao professor a lidar com os alunos se fossem revelados, não o são, assim eles permanecem e ficam em silêncio e inseguros.

A questão 9 indagava sobre as medidas que a escola toma no caso de ocorrer o bullying. De acordo com a figura 15 as respostas foram de 14 categorias, a saber: 1) *advertência*; 2) *suspensão*; 3) *expulsão*; 4) *bilhete na agenda*; 5) *diálogo com os alunos*; 6) *diálogo com os pais*; 7) *Conselho Tutelar*; 8) *não toma medidas*; 9) *bilhete na agenda e suspensão*; 10) *suspensão e advertência*; 11) *diálogo com os pais e alunos*; 12) *suspensão e bilhete na agenda*; 13) *suspensão, advertência e diálogo com os pais* e 14) *advertência, suspensão e expulsão*. Da 5º ano uma parte respondeu que é *suspensão* 9 (30%), 5 (16,66%) *bilhete na agenda*, 3 (10%) *diálogo com os pais*, 2 (6,66%) *advertência*, 2 (6,66%) *diálogo com os alunos*, 2 (6,66%) a escola *não toma medidas*, 1 (3,33%) *expulsão*, 1 (3,33%)

conselho tutelar e 5 (16,66%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano, 4 (19,05%) responderam *suspensão*, 4 (19,05%) *diálogo com os pais*, 3 (14,28%) *advertência*, 2 (9,52%) *a escola não toma medidas*, 2 (9,52%) *bilhete na agenda e suspensão*, 2 (9,52%) *suspensão, advertência e diálogo com os pais*, 1 (4,76%) *suspensão, advertência e bilhete na agenda* e 3 (14,28%) *não responderam* a essa pergunta. E da turma do 3º ano do Ensino Médio, um número significativo de alunos, 7 (29,16%) respondeu que a escola *não toma medidas*, 3 (12,5%) *diálogo com os pais*, 3 (12,5%) *diálogo com os alunos*, 2 (8,33%) *suspensão e advertência*, 1 (4,16%) *diálogo com pais e alunos*, 1 (4,16%) *advertência, suspensão e expulsão* e 7 (29,16%) *não responderam* a essa pergunta.

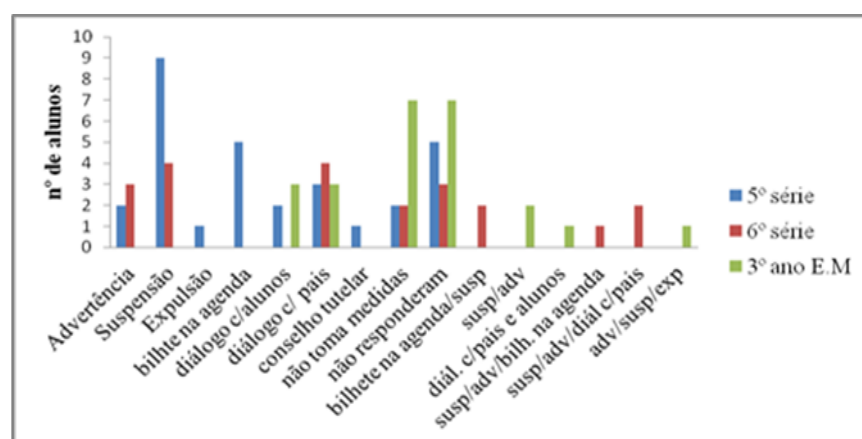


Fig.15: Medidas que a escola toma no caso de ocorrência de bullying.

Entre as medidas que a escola toma no caso de ocorrência de bullying, as que a maioria dos alunos respondeu foi *suspensão*. Dizem também que a escola muitas vezes *não toma medidas* e uma parte da amostra respondeu que a medida tomada é a *expulsão*. No entanto, conforme o diretor os professores resolvem. Mas, quando o caso for grave eles chamam os pais, o professor 1 disse que ele mesmo resolve, o professor 2 diz que os professores são severos e que o aluno é punido com suspensão e conversam com os pais e o professor 3 diz que é chamada a atenção do aluno e caso não adiante os pais são chamados na escola . Estas afirmações dos docentes e direção contradizem as respostas da amostra de alunos.

As medidas apontadas pela amostra de alunos como aquelas que a escola toma não são adequadas para combater este tipo de prática, pois, podem contribuir para que o indivíduo fique mais revoltado, e/ou deprimido e que acabe até desistindo dos estudos. A escola tem que procurar agir mais de outras maneiras fazendo com que se conscientize do mal que estão

causando ao colega, às suas famílias. De acordo com Neto (2005) para combater esse tipo de violência é fundamental entrar em contato com a escola, pois para combater esse tipo de prática é necessária a colaboração de todos os envolvidos: professores, pais e alunos e que todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado e que as estratégias devem ser definidas em cada escola de acordo com as características e do pessoal que frequenta.

A questão 10 indagava sobre as medidas que são necessárias para prevenir o bullying. De acordo com a figura 16 as respostas dadas foram de 5 categorias, a saber: 1) *evitar brigas*; 2) *palestras sobre o bullying*; 3) *educação familiar*; 4) *educação familiar e dos professores* e 5) *nenhuma medida*. Da 5º ano, as opções mais frequentes são *evitar brigas* 5 (16,66%) e *palestras sobre bullying* 5 (16,66%), 1 (3,33%) respondeu que *não é necessário nenhuma medida* para prevenção do bullying e 19 (63,33%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano uma boa parte, 7 sujeitos (33,33%) respondeu que é *evitar brigas*; 2 (9,52%) responderam que *palestras* sobre bullying e 12 (57,14%) *não responderam* a essa pergunta. E no 3º ano do Ensino Médio as opções mais frequentes são: *educação familiar* 3 (12,5%); *educação familiar e dos professores* 3 (12,5%); 2 (8,33%) responderam que *evitar brigas*; 2 (8,33%) responderam que não é necessária *nenhuma medida* e 14 (58,33%) *não responderam* a essa pergunta.

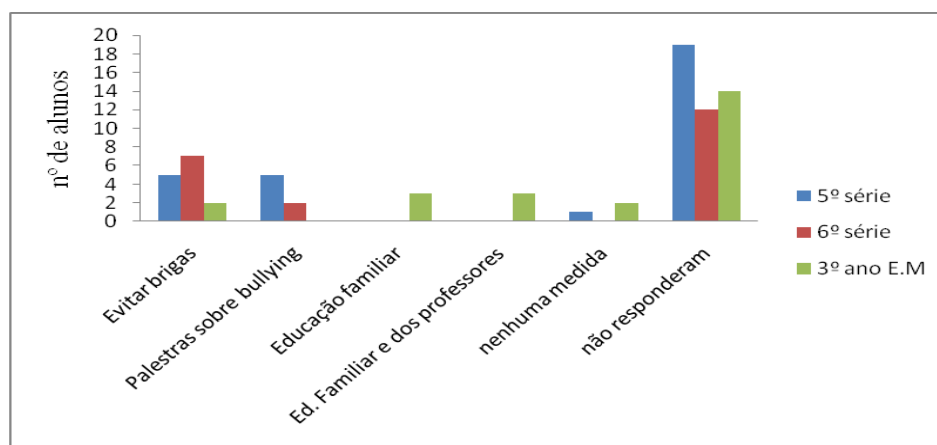


Fig.16: Medidas necessárias para prevenção do bullying.

Nota-se da figura acima que trata a respeito das medidas que são necessárias para prevenção ao bullying, que alguns alunos da turma do 3º ano do Ensino Médio responderam educação familiar e dos professores. E eles estão de acordo com Neto (2005) que diz que

para combater este tipo de violência são necessárias as colaborações dos pais, professores e alunos.

Comparando as respostas do diretor e dos docentes em relação às medidas necessárias para prevenção do bullying, nota-se que se uma parte dos alunos respondeu: *palestras*, isto está de acordo com que o diretor falou; outra parte respondeu *educação familiar*, ou seja, estes estão de acordo com o professor 3. O diretor “diz que é necessário formar um núcleo de prevenção, esclarecer bastante o aluno e proporcionar palestras”; o professor 1 diz “que são as conversas, explicações”; o professor 2 diz “que tem que criar programas de valorização da vida e conscientização de amor ao próximo com empatia”, enquanto o professor 3 diz “que é a educação familiar”.

Indagados sobre as medidas que a escola toma para prevenir o bullying. De acordo com a figura 17 as respostas dadas foram de 4 categorias, a saber: 1) *cartazes*; 2) *guardas para evitar brigas*; 3) *palestras* e 4) *nenhuma medida*. Da 5º ano um bom número de alunos respondeu que a escola *não toma nenhuma medida* 10 (33,33%) e 20 (66,66%) *não responderam* a essa pergunta. Da 6º ano as duas opções mais frequentes são *cartazes* e *palestras*, ambas escolhidas por 3 sujeitos (14,28%); deles, 2 (9,52%) responderam que há *guardas na escola para evitar brigas*; 1 (4,76%) respondeu que a escola *não toma nenhuma medida* e 12 (57,14%) *não responderam* a essa pergunta. E do 3º ano do ensino Médio, uma boa parte dos alunos respondeu com: *palestras*, opção de 7 (29,16%); 4 (16,66%) responderam que a escola *não toma nenhuma medida* e 13 (54,16%) *não responderam* a essa pergunta.

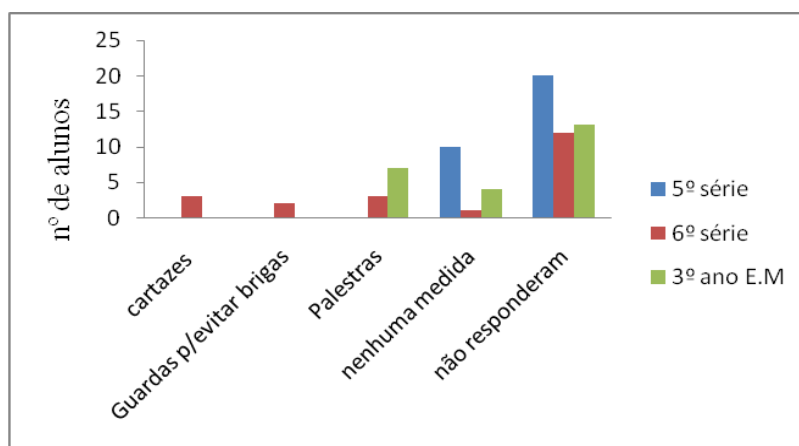


Fig. 17: Medidas que a escola toma para prevenção do bullying.

Nota-se que entre as respostas mais frequentes - apresentadas pela maioria dos sujeitos da amostra independente de turma – está que a escola não toma medidas para prevenção do bullying, isto é muito preocupante, pois, este é um fenômeno que é comum e que inclusive motivou alguns estados e municípios a adotarem leis de prevenção e de combate ao bullying. Estas leis interpretam o bullying como crime (WERTHEIN, 2011).

As respostas do diretor e dos docentes em relação às medidas de prevenção ao bullying mostram que o professor 1 diz “que na escola são realizadas palestras em relação a esse assunto, expondo a situação e explicando o errado”, o professor 3 diz “que são realizados projetos e palestras de conscientização”, o diretor e o professor 2 não responderam. Comparando as respostas dos professores 1 e 3 com que os alunos responderam, nota-se que há uma contradição, porque a maioria dos alunos respondeu que a escola não toma medidas de prevenção.

A questão que indagava se já buscou ajuda de alguém, e de quem: de um especialista, da direção da escola e de professor. De acordo com a figura 18, um bom número de alunos nas 3 turmas escolheu *nenhuma das opções*. Isto sugere que nunca buscaram ajuda, o que representa 80% da 5ª ano; 28,57% da 6ª ano e 87,5% do 3º ano do Ensino Médio. O restante dos alunos das 3 turmas, respondeu que já buscou *ajuda de alguém*: no 5º ano, 3 deles (10%), ela foi em 1 caso (3,33%) para *ajuda de professor* e de *ajuda de alguém e do professor*; e 1 (3,33%) *não respondeu* a essa pergunta. Do 6º ano, 1 (4,76%) respondeu de *alguém*; 4 (19,05%) responderam da *direção da escola*; 1 (4,76%) respondeu de *alguém e direção da escola*; 2 (9,52%) responderam de *alguém e especialista*; 4 (19,05%) responderam do *professor*; 1 (4,76%) respondeu *alguém e professor*; 1 (4,76%) respondeu *alguém, direção da escola e professor* e 1 (4,76%) *não respondeu* a essa pergunta. E do 3º ano do Ensino Médio, 1 (4,16%) respondeu da *direção da escola*; 21 (87,5%) responderam *nenhuma das opções* e 2 (8,33%) *não responderam* a essa pergunta.

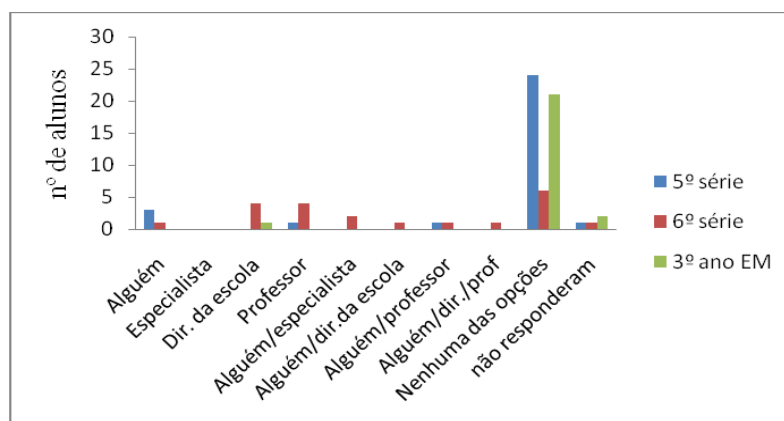


Fig.18: Frequência de alunos que já buscaram ajuda em relação ao bullying.

A questão que indagava sobre as respostas que receberam das pessoas que foram buscar ajuda sobre o bullying. De acordo com a figura 19, entre os que responderam estão na 5º ano 2 (6,66%) afirma que a pessoa disse *para não ligar, ignorar*. Da 6º ano 1 (4,76%) respondeu que a pessoa disse *enfrentar e tomar providências*; 2 (9,52%) responderam que a pessoa disse *para não praticar este tipo de ato* e 1 (4,76%) respondeu que a pessoa *mandou ocorrência para o responsável*. E do 3º ano do Ensino Médio 1 (4,16%) respondeu que *nada foi feito*.

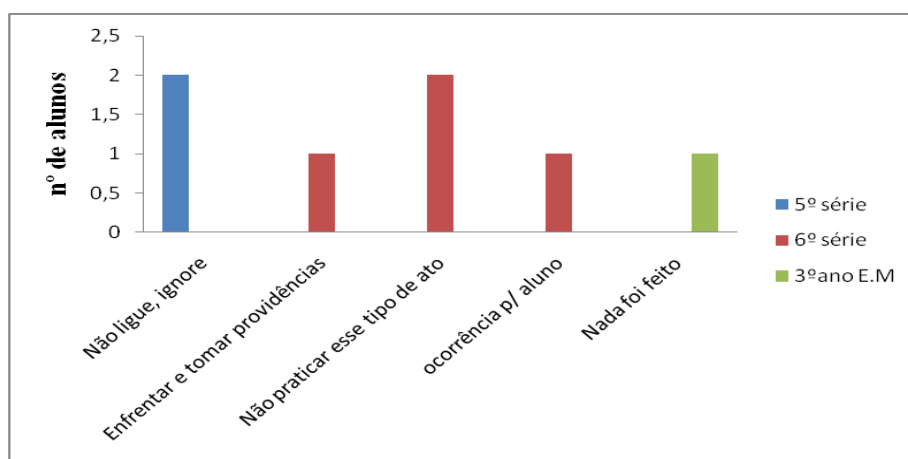


Fig. 19: Respostas que os alunos receberam de pessoas que foram buscar ajuda.

Pela figura acima, as respostas que os alunos receberam das pessoas que foram buscar ajuda, não são suficientes para combater o bullying, pois para prevenir e combater é necessário conscientizá-los, ou seja, explicando as graves consequências como tristeza, isolamento, depressão, prejuízos para família, problemas com drogas, entre outras, conforme Neto (2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho de conclusão de curso foram identificar na literatura como está sendo conceituado o bullying; as causas para ele e as possíveis consequências; verificar a existência de lei para seu combate e ainda identificar quais são os conceitos de bullying que está presente na escola abordada bem como as medidas aí aplicadas para sua prevenção e/ou combate desta prática.

De acordo com Neto (2005), verifica-se que o bullying é conceituado como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos que ocorrem entre colegas repetidas vezes e sem motivo de um indivíduo mais forte contra o mais fraco e conforme Martins (2005) é identificado em 3 tipos: diretos e físicos; diretos e verbais e indiretos. Em relação aos envolvidos, de acordo com Neto (2005), eles são classificados como autor (agressor), alvo (vítima) e testemunha. Pelas entrevistas pode-se ver que estes conceitos se aplicam.

Nos resultados obtidos em entrevistas com o diretor e com os três docentes, bem como, com os alunos que responderam ao questionário, verifica-se que ocorrem situações que podem ser consideradas como bullying. Elas são bastante frequentes no Ensino Fundamental e os tipos identificados foram os **diretos e físicos** (agressão física); **diretos e verbais** (agressão verbal) e **indiretos**, de acordo com a tipologia de Martins (2005), ainda que os mais prevalentes fossem os **diretos e físicos** e **diretos e verbais**, ainda que relação em geral entre alunos e aluno/professor seja considerada pelos três tipos de sujeitos – diretor, docente e discentes, como boa.

E em relação às medidas tomadas pela escola no caso de ocorrência de bullying, tanto o diretor como os três docentes dizem que existem casos que são resolvidos por eles mesmos, mas quando são mais graves, eles chamam a família na escola para conversar, ou aplicam suspensão. Segundo estes participantes, entre as medidas que a escola costuma tomar ou já tomou para prevenção do bullying, estão palestras de conscientização e projetos. Enquanto que, segundo a amostra de alunos, a maioria respondeu que a escola não toma medidas no caso de ocorrência de bullying, ou em casos difíceis de resolver, ela utiliza a expulsão e para prevenir, alguns responderam que a escola não toma medidas.

Ao contrário por partes dos alunos, conclui-se com esta pesquisa de campo que o bullying não é visto como crime, mas como algo natural que faz parte do convívio. No entanto a escola deve ficar mais atenta a este tipo de violências, pois, ela pode gerar graves

consequências na vida de uma pessoa como: tristeza, angústia, depressão, entre outras. Inclusive, a pessoa pode vir a não superar mais e a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, desenvolvendo suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão conforme Neto (2005).

Segundo Neto (2005), a escola é fundamental para a criança e ao adolescente, pelo fato de contribuir para o desenvolvimento. Então, a medida que se sugere para o combate e/ou prevenção ao bullying, é que os professores poderiam trabalhar com seus alunos sobre o direito da criança e realizar uma discussão em sala, falando da importância de respeitar a diferença do outro, aceitar o outro do jeito que é, sem fazer brincadeiras e ofensas sobre essas diferenças. Os alunos podem apresentar o que entenderam em forma de música, teatro, paródias, enfim, fica a critério do professor.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G.J. **Adolescência e puberdade, 2003**. Disponível em <HTTP://http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc1.html>. Acesso em 14abr2012.

CESAR, J. **Bullying**. Lei nº 14957, de 16 de julho de 2009 da prefeitura do Estado de São Paulo. Disponível em <HTTP://pazeduca.pro.br/aula/?page_id=84>. Acesso em 14out2011.

DAY, N. Violence in schools: learning in fear. Berkely, N. J: Enslow publishers, 1996, p.44-45. In GROSSI, K. P.; SANTOS, M.A. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. **Rev. Port. de Educação V. 22 nº2 Braga**, 2009, p.249-267. Disponível em: <HTTP://www.scielo.br>. Acesso em 30mai2011.

DREYER, D. A brincadeira que não tem graça. **Portal 2005**. Disponível em <HTTP://www.educacional.com.br/reportagens/bullying/solucoes.asp> Acesso em 01jun2011.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Artmed, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei das diretrizes e Bases da Educação Nacional - nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação. Disponível em <HTTP://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em 14abr2012.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma classificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Revista Portuguesa da Educação, 2005, 18 (1), p.93-105. In ANTUNES, C. D; ZUIN, S. A. A. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc.** Vol.20 Porto Alegre Jan./Ap.2008, p.33-41. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 30mai2011.

MATOS, G. M; GONÇALVES, P. M. S. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psic., Saúde & Doenças V.10 n.1** Lisboa 2009, p.3-15.

MONTEIRO, L. **Lei nº 5089**, de 6 de outubro de 2009. Rio de Janeiro. Disponível em <HTTP://www.obervatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=899>. Acesso em 15out2011.

NETO, L. A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.) Vol.81 nº5 supp I.0**. Porto Alegre Nov.2005, p.164-172. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 30mai2011.

REBOUÇAS, F. **Cyberbullying**, 2010. Disponível em <[HTTP://www.infoescola.com/sociologia/cyberbullying](http://www.infoescola.com/sociologia/cyberbullying)>. Acesso em 5ag2011.
RODRIGUES, D. Cyberbullying: o amplificador virtual do bullying. **Revista Educação Pública reflexão e interação de educadores**, 2010, p.145-156.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA (SEB/MEC). Ensino Fundamental de 9 anos: perguntas mais frequentes e respostas da secretaria de Educação Básica(SEB/MEC). Disponível em <[HTTP://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9_perfreq.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9_perfreq.pdf)>. Acesso em 19abr2012.

SILVA, B.B.A. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: objetiva, 2010.

WERTHEIN, J. **País não tem lei federal específica para o combate ao bullying**. Disponível em <<http://www.inclusive.org.br/?p=18903>>. Acesso em 14out2011.

WILLIAMS, K; CHAMBERS, M; LOGAN, S; ROBINSON, D. Association of common health symptoms with bullying in primary school children. *British Medical Journal*, 313, 1996, p.17-19. In MATOS, G. M; GONÇALVES, P. M. S. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psic., Saúde & Doenças V.10 n.1** Lisboa 2009, p.3-15.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro de observação da escola

1. Localização da escola
2. Verificar se é uma instituição privada ou pública; se é técnica ou não.
3. Horários de funcionamento
4. Número de alunos, turmas, professores e funcionários.
5. População atendida
6. Níveis de ensino oferecidos
7. Além dos níveis de ensino oferecidos, verificar se a escola oferece atividades complementares ao horário de aula.

ANEXO 2

Roteiro de entrevista para diretor

1. Qual sua formação: que curso fez; onde e quando?
2. A - Como você assumiu a direção da escola? B – Há quanto tempo está nela?
3. O que é bullying para você?
4. A - Na escola ocorrem ações que podem ser consideradas como bullying? B - Você já presenciou alguma delas? (relate alguma delas). C – Ouviu relato de alguma delas (como era a situação? Quem relatou?).
5. Qual a frequência e a gravidade destas ações na escola?
6. A - Em qual(is) **local**(is) da escola, a prática dessa violência é mais frequente? B - E o(s) local(is) que esse tipo de violência é menos frequente?
7. Para você, nesta escola há uma faixa etária em que esse tipo de violência está mais presente? Uma ano? Um turno?
8. Quais são as medidas que a escola toma no caso de ocorrer bullying?
9. A - Quais medidas são necessárias para **prevenir** o bullying? B - Quais delas a escola já tomou ou costuma tomar?
10. A - Você já buscou ajuda de alguém? B - De um especialista? C - De quem? D - Como foi a resposta?
11. No geral, como é a relação entre os alunos (aluno/aluno) nesta escola? B – E entre alunos e professores? (aluno/professor)?

ANEXO 3

Roteiro de entrevista para professor

- 1.Qual sua formação? Que curso fez; onde e quando?
- 2.O que é bullying para você?
- 3.A - Na escola ocorrem ações que podem ser consideradas como bullying? B - Você já presenciou alguma delas? (relate alguma delas). C – Ouviu relato de alguma delas (como era a situação? Quem relatou?).
- 4.Qual a frequência e a gravidade destas ações na escola?
- 5.A - Em qual(is) **local**(is) da escola, a prática dessa violência é mais frequente? B - E o(s) local(is) que esse tipo de violência é menos frequente?
- 6.Para você, nesta escola há uma faixa etária em que esse tipo de violência está mais presente? Uma ano? Um turno?
- 7.Quais são as medidas que a escola toma no caso de ocorrer bullying?
- 8.A - Quais medidas são necessárias para **prevenir** o bullying? B - Quais delas a escola já tomou ou costuma tomar?
- 9.A - Você já buscou ajuda de alguém? B - De um especialista? C - De quem? D - Como foi a resposta?
10. A - No geral, como é a relação entre os alunos (aluno/aluno) nesta escola? B – E entre alunos e professores? (aluno/professor)?

ANEXO 4

Questionário para alunos

- 1.Qual ano você está cursando?
- 2.Qual é a sua idade?
- 3.Em sua opinião, o que é o bullying?
- 4.A - Na escola ocorrem ações que podem ser consideradas como bullying? B - Você já presenciou alguma delas? (relate alguma delas). C – Ouviu relato de alguma delas (como era a situação? Quem relatou?).
- 5.Você já foi ou é vítima, autor, autor/vítima ou testemunha do bullying?
- 6.Em qual(is) local(is) que esse tipo de violência é mais frequente? E o(s) local(is) que é menos frequente?
- 7.A - Como é a sua relação diária com a sua família? B - Com os professores? C - com os seus colegas de escola?
- 8.A - No geral, como é a relação entre os alunos (aluno/aluno) nesta escola? B – E entre alunos e professores? (aluno/professor)?
- 9.Quais são as medidas que a escola toma nos casos de ocorrer bullying?
- 10-A - Quais medidas são necessárias para **prevenir** o bullying? B - Quais delas a escola já tomou ou costuma tomar?
10. A - Você já buscou ajuda de alguém? B - De um especialista? C – Da direção da escola? D – De um professor? E - Como foi a resposta?

